

Colaboraram nesta edição:

Nelson Janot Marinho - Vice-Reitor de Desenvolvimento  
Maria da Graça Lima da Cunha - Assessora da V.R.D.

**Em oitenta e quatro anos  
de vida:  
Sessenta anos de Sacerdócio**

**Pe. Francisco Machado da Fonseca, S.J.**

Impresso na Oficina Gráfica  
PUC-Rio  
Rua Marques de São Vicente, 225 - Gávea - RJ

922.281  
F676  
PUC



PUC-RIO

PUC-RIO

PUC-RIO

UC-00072713-6



125543

N.Cham. 922.281 F676 PUC

Título Em oitenta e quatro anos de vida : sessenta anos de sacerdó



Ex.2 PUCB

0125543

922.281  
F676  
PUC

Esta é uma homenagem ao nosso querido Pe. Francisco Machado da Fonseca, S.J., que completou 60 anos de sacerdócio, no dia 27 de março (quinta-feira santa) e festejado em 04 de abril de 1997, aos 84 anos de idade.

A Santa Missa comemorativa concelebrada por vários de seus irmãos jesuítas, teve lugar na Capela da Universidade e foi dirigida pelo Superior da Residência, Pe. Mario França Miranda, S.J. que na oportunidade fez uma tocante saudação ao Pe. Machado e informou-nos que a homilia seria feita pelo próprio, o que surpreendeu a todos, tendo em vista a sua dificuldade em coordenar a fala. Chegada a hora da homilia, Pe. Machado, como que rejuvenescido fez uma bela homilia, onde o ponto alto foi a expressão de sua imensa gratidão à Deus por tudo que ele foi e que é no presente.

A numerosa assembléia participante do evento estava fixada na figura daquele venerando padre que a brindava com sua sabedoria, numa enternecida e amorosa lição de vida, onde não se sentia mais a dificuldade de falar.

Naquele momento sentimos um grande desejo de perpetuar em um livreto o que tinha sido dito pelo Pe. Machado e para tanto contamos, posteriormente, com a participação do próprio. Um carinho afetuoso ao Pe. Machado e na sua pessoa uma homenagem à Companhia de Jesus, rogando à Deus que o seu exemplo seja a inspiração de muitos.

A Comunidade da PUC-Rio

## **Resumo da homilia proferida pelo Pe. Francisco Machado da Fonseca, S.J. no festejo dos seus 60 anos de sacerdócio**

Na impossibilidade de refazer integralmente o texto completo, optei por resumir as idéias principais.

A primeira idéia foi de desenvolver um agradecimento a Deus pelos sessenta anos de meu sacerdócio. Comecei de um modo um tanto negativo relembando a definição de homem, que Dostoiewisk põe na boca de uma personagem da sua novela *O Homem do Subsolo*. O homem seria "uma criatura que tem duas pernas pelas quais ele é conduzido, mas não sabe o que é a gratidão". Para desmentir de algum modo a definição do grande romancista quis dizer que, na verdade, o homem é homem válido quando sabe agradecer. Quis entrar nessa corrente e procurar mostrar que a minha vida para ser coerente devia ser uma vida de gratidão. Gratidão a Deus, fonte da vida, a quem, devo a existência humana e sessenta anos de serviço a Deus e ao próximo. Sessenta anos é uma existência. Nunca imaginaria que pudesse chegar a tal dimensão humano-divina uma vida pobre, modesta, em que nada fazia prever o futuro. Optei pela idéia de Barnanos: tudo é graça. Nas mãos de Deus, o homem se transforma. Colaborador escolhido por Deus, o homem entra num caminho que o leva onde ele talvez não queira. No entanto, a graça que o fez o conduz e faz o milagre de transformar o que era pedra em pão. É este milagre que comemoro hoje, dando graças a Deus. Graças a Deus supõe, como seqüência natural, agradecimento a tudo e a todos; a meus pais, irmãos, parentes, amigos, professores, conselheiros, etc. Impossível numerá-los todos, porque tudo é graça.

A graça, porém, não conduz o homem dentro de um jardim de delícias. Pelo contrário, encaminha-o no horto das oliveiras pelo caminho da cruz. É uma bela idéia de Franz Rosenzweig. Deus conduz o homem por um caminho de trevas e de espinhos, pelo sofrimento, por etapas imprevisíveis, mas dá-lhe a força do seu amor. É como se ornasse a estrada com flores que perfumam a vida, alegrem, comovem, flores que dão vontade de viver e vencer. Além disso, Jesus o acompanha como amigo, inspiração, orientação. Tudo isto constitui a

graça e a força para carregar a cruz até o calvário. Sessenta anos não são ainda o calvário, mas levam pelo calvário à morte na cruz.

Posso assim terminar como comecei, com Barnanos. Falamos em ódio ao mundo, à carne, a nos mesmos. Não é difícil ao cristão odiar-se a si mesmo, o difícil, a graça, está em ocultar-se, em viver escondido. Mas, se conseguirmos anular o orgulho, a nossa vaidade, então a graça das graças será amarmos a nós mesmos como qualquer membro sofredor do corpo de Cristo.

## NOTAS BIOGRÁFICAS DO Pe. FRANCISCO MACHADO DA FONSECA, S.J.

Começamos pelo fim. Hoje, sou um homem de oitenta e quatro anos bem vividos. Gozo de boa saúde física e mental. Tenho apenas duas cruzes que a providência me impôs, e cabe agradecer a Deus isto que é o pouco que atualmente posso fazer. Sofro de asma-brônquica e de uma deficiência genética que me causa uma distrofia neuro-muscular. Fico, assim, impedido de ter plena autonomia e até no uso das mãos. A própria voz foi prejudicada pela distrofia. Falo mal e com dificuldade.

Nasci aos 25 de julho de 1913, em Rio Preto, Minas Gerais. Minha mãe tinha catorze anos e meu pai, dezenove. Era um casal de jovens. Costumo relembrar imaginativamente minha mãe com quinze anos carregando ao colo o seu primeiro filho. Fui batizado dentro de uma semana, na própria casa de meus pais, aliás, da minha avó. Nasci na casa da minha avó e fui por ela tratado como filho. Daí, chamá-la sempre de mamãe. Meu pai e minha mãe ficaram com apelido de Teté e Neném. Apelidos que os não largaram mais. Fui educado e ensinado por meu pai. Com ele aprendi o catecismo, as primeiras letras e até elementos de francês. Aprendi a ler muito cedo, em casa, gostava de livros de história natural. Já tinha alguns anos de vida quando meu pai me presenteou com uma vida de São Francisco de Assis. Fiquei entusiasmado e minha inclinação religiosa primeira foi pelos filhos de São Francisco. No livro, havia uma gravura muito bonita que mostrava S. Francisco na gruta de monte Alverne, cercado de animais e de passarinhos.

Passada a primeira formação, meu pai mandou-me para São Paulo onde, na casa de um amigo hospedado, fiz todo o segundo ciclo. Fui crismado em Rio Preto pelo saudoso arcebispo de Mariana, D. Silvério Gomes Pimenta. Era o único bispo em todo o estado de Minas Gerais. Terminado o curso secundário, procurei o arcebispo de São Paulo, D. Duarte Leopoldo e Silva, que me acolheu paternalmente mostrando-me o caminho do Seminário Central de São Paulo. Aí encontrei um plêiade de sacerdotes de alto valor: o reitor, Mons. Alberto Teixeira Pequeno; Pe. José Gaspar de Affonseca e Silva, depois arcebispo de S. Paulo; e Pe. Manoel da Silveira D'Elboux, mais tarde arcebispo de Curitiba; o Pe. Antônio Alves de Siqueira, mais tarde arcebispo de Campinas; o Pe. Lafaiete Teixeira Álvares, mais tarde bispo de Bragança; Mons. José Procópio Magalhães, grande teólogo, homem de um inteligência

arcebispo de Curitiba; o Pe. Antônio Alves de Siqueira, mais tarde arcebispo de Campinas; o Pe. Lafaiete Teixeira Álvares, mais tarde bispo de Bragança; Mons. José Procópio Magalhães, grande teólogo, homem de um inteligência excepcional; o Pe. José Geraldo Amaral de Melo, o famoso Pe. Melinho, conhecido em toda S. Paulo por suas virtudes, por sua piedade e pela caridade excepcional que sempre praticou. Aí estão algumas das figuras mais importantes que exerceram sobre mim uma influência decisiva. No seminário de S. Paulo, conheci o primeiro jesuíta na minha vida. Era o Pe. José Danti, que morava no colégio S. Luís e freqüentava o seminário. Fazia-nos conferências semanais, recebia-nos para orientação religioso-espiritual ou, simplesmente, intelectual. Deu-nos um magnífico curso sobre a Divina Comédia, que me vale até hoje. A influência do Pe. Danti foi determinante na minha vida. Aí fiz o curso de três anos de filosofia, fiz o exame geral quando, de repente, o arcebispo me enviou com mais três para o Colégio Pio Latino-Americano, em Roma. Foi uma decisão tão rápida que não tive sequer tempo para despedir-me de minha família. Apenas meu pai foi a S. Paulo, porque, além do mais, precisava autorizar na polícia a minha viagem. Eu era ainda menor de idade. Viajamos de navio. Era o único transporte utilizável na época. Foi uma viagem de descanso que durou doze dias, de Santos a Gênova.

No colégio Pio Latino-Americano, tive ocasião de um contato mais profundo com os jesuítas. Conheci, na época, alguns eminentes como Ludovico Billot, antigo cardeal. Tive a sorte de ser escolhido pelo Cardeal Henrique Gaspari, antigo núncio no Brasil, para seu Caudatário. Interessante, porque foi assim que conheci o Vaticano por dentro. Com o Cardeal, eu ia até os aposentos do Papa que era Pio XI, na época.

Dentro de algum tempo, fundou-se o Colégio Brasileiro, na Via Aurelia. Todos os brasileiros do colégio Pio Latino foram para no novo Instituto. O Colégio Brasileiro era dirigido pelo Pe. Riou e tinha como diretor espiritual o Pe. José Gianella. Assinalo o Pe. Gianella, humanista de alto valor, que era consultado em Roma para inscrições em Latim. Era um poeta e sabia perfeitamente a nossa língua. O Pe. Gianella, um escritor no sentido autêntico da palavra. Escrevia e falava admiravelmente bem o português e o italiano. A lembrança do Pe. Gianella é permanente no meu coração. A ele devo, em boa parte, os meus sessenta anos de Padre. Ele me formou, fez de mim um homem e um sacerdote. Fazia-nos com freqüência exortações que ele escrevia e pronunciava. Se conseguíssemos obter o original dos pronunciamentos do Pe. Gianella, tenho certeza de que possuiríamos um tratado de vida espiritual de

alta classe. Entre os alunos, sobressaiu-se João Bosco Penido Burnier. Acho-me, hoje, na Companhia de Jesus devido ao Pe. Burnier. Ele nunca me disse uma palavra, nem sequer um convite. Éramos muito amigos e a nossa amizade era uma transferência de afeições. Ele gostava do que eu fazia e eu adorava o comportamento, a inteligência, a caridade daquele jovem com cara de menino. Eu via nele o retrato dos santos jovens que freqüentávamos em Roma, S. Luís Gonzaga, S. João Berchmans e S. Estanislau. O Pe. Burnier era querido por todos. Era o jovem completo. Bom no futebol, na natação, no tênis e, principalmente, na aula. Era o primeiro em tudo. Nunca ouvi uma queixa, uma censura ao Burnier, era um modelo perfeito. No primeiro grupo, fundador do colégio, achavam-se Agnelo Rossi, mais tarde Cardeal; Luís do Amaral Mozinho, mais tarde arcebispo de Ribeirão Preto; Vicente Zioni; Alberto Etges; Expedito Lopes, também bispo mais tarde; José Trindade, mais tarde bispo de Montes Claros; Oscar Oliveira, mais tarde arcebispo de Mariana; e outros cujo nome, no momento, me escapa.

As primeiras férias do colégio foram no Seminário Central de Salerno, no sul da Itália. Assinalo este pormenor porque cometi uma imprudência que me ia custando a vocação e até a vida. Deu-me na telha de ler os clássicos portugueses todos. Para isso, gastava dias e noites. O resultado foi que, no meio do semestre, tive um stress que me fez perder quase um mês de curso. Refiz-me, pouco a pouco, graças à ajuda do Pe. Gianella. Um dia, desanimado fui ter com o Padre Espiritual, para dizer-lhe que não agüentava mais, estava resolvido a jogar tudo para cima. Aí ele me deu a mão e me recomendou: "não faça nada sem minha aprovação. Você vai continuar, deve continuar, porque o Brasil te espera". Mais tarde, recordei-me disso quando li a apologia de Newman. Quando o jovem John Henry Newman achava-se à morte, sozinho, numa aldeia da Sicília, ele costumava repetir "não vou morrer, não posso morrer, porque a minha terra me espera, tenho uma missão a cumprir".

Ordenei-me sacerdote num sábado santo aos vinte e sete de março de 1937, com dezenas de outros, na Basílica de S. João de Latrão.

Há uma explicação nesta altura dos acontecimentos. O Burnier, que começava teologia, voltou para o Brasil para entrar no noviciado de Friburgo. Interrompeu seus estudos. Meu caso era diferente: já estava no terceiro ano de teologia quando resolvi seguir o Burnier, entrando para a Companhia. O superior, inclusive o Pe. Gianella, foram de parecer que eu me ordenasse sacerdote antes de entrar. Já estava perto da ordenação e a entrada no

noviciado iria atrasar enormemente o meu sacerdócio. Concordei. Mas havia uma dificuldade séria: os alunos dos colégios eclesiásticos de Roma deviam fazer, antes da ordenação, um juramento de não entrar em qualquer ordem religiosa, antes de voltar para a sua diocese e servi-la por quatro anos. Havia teólogo que contestavam a validade desse juramento, mas ninguém queria arriscar. Esperei e ordenei-me sacerdote como já ficou dito. As três primeiras missas foram: primeira, na capela do Colégio Brasileiro, missa solene cantada; fui escalado pelos colegas. A segunda foi na Basílica Santa Maria Maior e a terceira, no túmulo de S. Inácio, no Gesú. Ficou uma recordação importante desses dias: pedi a Nossa Senhora que me ajudasse a fazer as missas de toda a minha vida como fiz a primeira.

Antes de deixar o colégio brasileiro, quero lembrar que uma das melhores impressões e recordações da minha vida no Colégio foi ter ajudado, com freqüência, as missas do Padre Geral da Companhia, o Pe. Wlodozimierz Ledóchowski. Pequenininho, magrinho, mancando de uma perna, como Santo Inácio, impressionava pela piedade e recolhimento. Ele costumava passar semanas e até meses no Colégio.

Voltei direto para a minha diocese, S. Paulo. Recebido com muito carinho por todos os antigos colegas, fui nomeado professor de teologia no Seminário Central do Ipiranga. De repente, faltou um professor de filosofia. Mandaram-me ensinar a filosofia. Aí está a razão de, sendo doutor em teologia, sempre ter ensinado a filosofia. O Seminário era essencialmente o mesmo de antes. Grandes professores. Alguns a mais do que no meu tempo de aluno, como D. Manoel Cintra, mais tarde bispo de Petrópolis; Mons. Manoel Macedo. Achava-me num meio simpático, agradável, quando resolvi forçar um pouco a minha entrada na Companhia, recorrendo diretamente ao arcebispo. D. Duarte convidou-me para passar as férias com ele em S. Vicente. Foi o tempo oportuno. Conversei longamente com o grande arcebispo. Ele me compreendeu perfeitamente, mas disse que precisava de mim. Quando chegasse um substituto, ele me relevaria o juramento e autorizaria a minha ida para o noviciado. Que fazer? Não podia senão esperar com paciência. Mas aí começa uma outra história.

A situação mudou de repente com o falecimento de D. Duarte Leopoldo e Silva. Esperávamos que fosse eleito vigário capitular o então bispo auxiliar, D. José Gaspar de Affonseca e Silva. Foi eleito Mons. Martins Ladeira. Com D. José o meu problema seria resolvido facilmente. D. José era um imenso

amigo meu. Certamente, daria a permissão e resolveria o problema jurídico não desanimei, fui ter com o vigário capitular e expus claramente o meu problema. Bondosamente, Mons. Ladeira assinou um documento em que constava que o arcebispo me prometeu a desejada licença. Munido deste documento, apresentei-me ao Pe. Provincial que, imediatamente, marcou a minha entrada na Companhia para o Natal de 1938. Passei uma semana na minha família para despedir-me. Deixei S. Paulo com saudades. Os colegas professores do seminário foram todos à despedida na estação da Central. Fiquei comovido.

No dia vinte e quatro de dezembro de 1938, fui recebido no noviciado em Friburgo. Celebrei a missa da meia noite com os melhores paramentos do colégio, na capela Mater Pietatis. Já era jesuíta. Fiz o noviciado com o saudoso Pe. Roberto Banwart. Foi a época, talvez, mais encantadora da minha vida. Meu anjo da guarda foi o Pe. Burnier, embora ele não fosse mais noviço. No segundo ano de noviciado, mandaram-me estudar retórica com o Pe. Armando Cardoso. Refiz o meu grego e o meu latim em um ano. Terminado este segundo ano, mandaram-me preparar o exame *De Universa Philosophia*. Frequentei algumas aulas. Despertou-me maior interesse a ética. Consegui ler os quatro volumes do *Leçon de Droit Naturel*, de Jacques Leclerque. No mais, passei um ano lendo obras de biologia e fisiologia, emprestadas pelo Pe. Amarante, e ainda consegui ler a obra completa de Maurice Blondel. Submeti-me ao exame e salvei a pátria. Minha estada em Friburgo durou apenas três anos. Fui enviado ao Colégio S. Inácio, como prefeito e professor. Encarregaram-me do segundo ciclo, na época chamava-se curso colegial. A estada no S. Inácio forneceu-me instrumentos indispensáveis a um educador, a prática do ensino e relações humanas para tratar com jovens e suas família. Pregava a igreja, aos domingos, na missa das oito, dava retiros no período de férias e, assim, se passaram cinco anos. O provincial, na época Pe. Artur Alonso, resolveu enviar-me a Roma, dizia ele, para repetir a teologia e fazer o exame *Ad Gradum*. Segui para a Cidade Eterna. Foi também o Pe. Alonso. Apresentou-me ao Reitor da Gregoriana como candidato à repetição da teologia. O Reitor, Pe. Paolo Dezza, não concordou com o argumento, que eu já era licenciado e tinha obtido boas notas. Indicou-me logo o doutorado. Não tive dificuldades em aceitar, embora as condições fossem draconianas, fazer um doutorado, naquela época, em dois anos.

A Gregoriana, nesse tempo, contava com um grupo de professores de extraordinária competência, conhecidos no mundo inteiro. Lembro alguns

nomes: Pe. Artur Vermeersch, Félix Maria Capello, Henrique Lennerz, Leider, Hertling, etc.

Tomei como instrutor e guia o Pe. Charles Boyer, e como assunto a doutrina sobre a Igreja do Cardeal John Henry Newman. Por que? Já conhecia alguma coisa de Newman. Na biblioteca do S. Inácio, havia a obra completa do grande Cardeal. Li os sermões do período anglicano da sua vida. Isso ajudou-me muito, porque em tempo relativamente curto pude ler a imensa obra do Cardeal. Não perdi tempo. Passei o período de férias de verão, sozinho, em Roma, na biblioteca do Colégio Inglês. Dormia pouco e trabalhava muito. Apresentei uma tese de 800 páginas, em dois volumes. Estou certo de que incompleta, imperfeita, com lacunas em muitas partes, a tal ponto que sempre me recusei a fazer novas edições. Acho, hoje, que não vale a pena. O júri de cinco professores foi mais benigno do que é hoje o autor. Deu-me a nota máxima e, na defesa cumprimentou-me publicamente. O próprio Reitor foi ao meu quarto para entregar-me o boletim da defesa e preparou uma recepção solene para meus amigos.

Voltei aos pagos e o Provincial mandou-me ensinar grego e latim, na escola apostólica de Friburgo. Fiquei pouco tempo. Depois de uma passagem pelo S. Inácio, fui enviado à Terceira Provação, em Pareci Novo, no Sul. Foi também um período de repouso e de tranqüilidade espiritual. O instrutor era o Pe. Steiger, muito bom e muito compreensivo. Com ele descobri que a minha entrada na Companhia tinha sido, provavelmente, ilegal. O vigário capitular não tinha autoridade para dar-me a permissão necessária. Daí, era nula a minha aceitação na Companhia. Recorremos ao processo jurídico da *sanatio in radice*. Ele próprio encarregou-se de mandar, logo, o processo a Roma. Não houve dificuldade. Foi concedida a medida jurídica necessária e eu fui recebido como professor de quatro votos. Quem recebeu a minha profissão, no dia dois de fevereiro de 1954, foi o novo provincial da vice-província mineira, Pe. João Bosco Penido Burnier.

No mesmo dia da minha profissão, com a solenidade de praxe, na presença de toda minha família, o querido Pe. Burnier me chama à parte e me diz: “preciso de você para uma missão árdua, seguir sozinho para a nova capital de Goiás, para trabalhar sob as ordens do arcebispo na fundação de uma universidade católica”. O que podia eu responder no dia da minha profissão solene a este apelo de um superior e amigo que eu prezava acima de tudo? Respondi: “posso ir hoje mesmo, se for necessário”. Fui uma semana depois

como autêntico missionário dos bons tempos. De avião, certamente, mas sem dinheiro, sem livros e sem saber exatamente o que fazer. De fato, encontrei uma cidade nova, capital do estado, mas sem ruas asfaltadas, sem luz elétrica, com infra-estrutura ainda precária. Parti para Goiânia e fui recebido pelo bispo auxiliar, e fui morar no convento dos padres redentoristas, no bairro de Campinas. Outra bênção do céu: fui dar numa comunidade de alto valor espiritual e apostólico. Aí, conheci dois homens que reputo verdadeiramente santos: o superior, Pe. Bonnoti, e o religioso Pe. Pelágio, que hoje tem estátua em praça pública, na capital. Para resumir posso dizer que era uma comunidade de santos. Mas, de acordo com o Pe. Burnier, porque o convento dos redentoristas ficava muito longe, aluguei uma casa no centro da cidade. Comecei a trabalhar e fiquei contente em encontrar uma mocidade ávida de saber e de vida espiritual. Morava numa casa de três quartos. Sozinho, fiz amizade com os vizinhos, conheci muita gente e comprei um meio de transporte ao meu alcance, na época: uma motocicleta. Ajudava na paróquia celebrando três missas aos domingos, confessando e aproveitando o tempo livre para preparar as aulas. Aí, surgiu, caiu do céu, o auxílio mais importantes da minha estada em Goiânia: um jovem engenheiro que acabava de chegar do Rio. Baixinho, feio, nariz chato, mas de uma inteligência rara. Não só, Djalma Araújo era um santo. Nunca encontrei na minha vida um leigo tão devotado como o meu companheiro. O Djalma foi para mim mais do que um irmão, um amigo raro, daqueles que só se encontra uma vez na vida. Ele casou-se com um excelente moça do Rio; deixou-me, portanto, sozinho, mas estava sempre comigo. Djalma Araújo foi professor na escola de engenharia, diretor por vários anos e tornou-se um dos homens mais conhecido de Goiânia, pela sua competência, seriedade, afabilidade. Repito, com muitas saudades, que o Djalma foi um homem raro para o mundo de hoje. Teve oito filhos, educou-os todos e deixou um pequeno patrimônio para a sua viúva. Era um homem sóbrio, modesto, humilde. Morreu ainda muito cedo, mas deixou um nome bendito por todos. Não posso repetir o nome de Djalma Araujo, sem lágrimas nos olhos.

Estive cinco anos em Goiânia. Consegui deixar tudo preparado para que funcionasse a nova universidade. Tínhamos terreno, já algumas construções, sobretudo, recrutamos um grupo de elite para professores, capazes de assumir a missão nova que seria organizar e fazer funcionar a universidade federal de Goiás. A universidade Católica de Goiás continua com a sua fama de seriedade, competência, formando uma fraternidade universitária de grande valor. Admiro e quero deixar registrado nessas notas a minha simpatia pelo

povo goiano, sobretudo, pela sua juventude, cheia de esperança e ávida de saber.

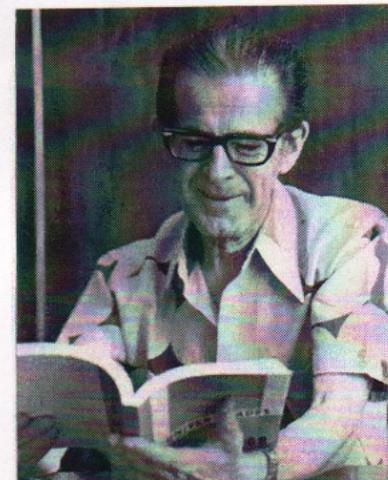
No final de 1958, fui mandado para a PUC do Rio. Aí, estou há quase quarenta anos. Mas alguma coisa se fez. O reitor, Pe. Alonso, confiou-me logo uma biblioteca inexistente. Havia um monte de livros velhos e algumas obras de referência empilhadas em uma pequena casa de família. Fazer daquilo uma biblioteca não era fácil. Mas conseguimos. Convencemos o Reitor de pedir um auxílio à organização católica alemã *Adveniat*. Ele mandou às pressas desenhar um plano e seguiu para a Europa. Voltou praticamente com dinheiro no bolso. Muito dinheiro. E, assim, pudemos construir aquele enorme edifício onde funciona a biblioteca. Devia ser exclusivamente para a biblioteca central, mas as necessidades de espaço foram pouco a pouco encurralando a biblioteca numa área limitada do prédio. De qualquer modo, organizamos o que eu considero uma biblioteca universitária modelo, hoje, já totalmente informatizada. Creio que existem poucas no Brasil como a nossa. Não é grande, falta muita coisa, mas é selecionada e contém obras de consulta de alto valor. Não é usada apenas pelos alunos da PUC, mas a ela recorrem professores e universitários de todo o Rio de Janeiro. Orgulho-me da minha biblioteca.

Aqui trabalhamos não apenas como professor. Fui professor de teologia (alguns cursos) e filosofia. Lecionei durante esse período na faculdade e, depois, no departamento de filosofia. Copiando mal as universidades medievais, eu praticamente ensinava de tudo: teoria e filosofia política, história da filosofia, teoria do conhecimento, ética, etc. Naturalmente, a meu ver, a qualidade dos cursos deixava a desejar. Mas deu uma certa orientação à metade da universidade. Por exemplo, lecionei epistemologia das ciências sociais, filosofia das ciências para os cursos da área científica. Na pós-graduação, dediquei-me por vários anos à filosofia da linguagem, principalmente, a Wittgenstein. Dei vários seminários no mestrado de filosofia sobre Wittgenstein.

Nos anos sessenta, o Brasil passou por uma transformação muito grande. Repercutiu na universidade. Foram os anos de agitação política e aí formamos um movimento político-universitário que ganhou todo o Rio de Janeiro, O MSU (Movimento Social Universitário). Hoje, os antigos membros do MSU ocupam posições sociais e políticas de relevo na vida nacional. O movimento durou até o Golpe de sessenta e quatro. Depois disso, era impossível trabalhar

na área social. A situação degradou-se ainda mais com o surgimento do AI-5. Calamos a boca, porque os jovens precisavam pensar no seu futuro, alcançar uma profissão e constituir a família. Mas não paramos, começamos a trabalhar para a volta do país ao estado de direito. A PUC foi um centro de irradiação. Elaborou-se aqui um fermento que, pouco a pouco, transformou a massa universitária numa força gigantesca. O Brasil voltou a ser uma nação civilizada. Aqui ficamos repetindo o título de uma obra poética de Pablo Neruda: Confesso que Vivi.

DU RIO DE JANEIRO		
922.281 F676 PUC		
Fonseca, Francisco Machado da, 1913-		
Em oitenta e quatro anos de vida: sessenta anos de sacerdo- cio.		
DIVISÃO DE BIBLIOTECAS E DOCUMENTAÇÃO <b>BIBLIOTECA</b>		
Prove que sabe honrar os seus compromissos devolvendo com pontualidade este livro à Biblioteca.		
4883/97		
DBD 103		
23 OUT 2017		
DBD 106	<b>BIBLIOTECA</b>	PUC/RIO



### Pe. Francisco Machado da Fonseca, S.J.

- Nascido em 25 de julho de 1913 em Rio Preto - Minas Gerais.
- No Colégio Pio Americano teve seu primeiro contato com os Jesuítas.
- Ordenou-se Sacerdote em 27 de março de 1937, na Basílica de S. João de Latrão.
- Doutor em Teologia, especializou em Ética, ministrou aulas de teoria do conhecimento, filosofia, teologia, ética e outras.
- Em 1938 consegue entrar para a Companhia de Jesus, finalmente é um Jesuíta!
- Celebra a primeira missa como Jesuíta, na Capela Mater Pietatis em 24 de dezembro de 1938 à meia-noite.
- Foi designado a ir para goiânia, para ajudar na fundação da Universidade Católica de Goiás, onde permaneceu por 5 anos.
- Ajudou a fundar a Universidade Federal de Goiás.
- Em 1958 chega à PUC-Rio onde permanece até a data de hoje, 1997, portanto quase 40 anos.
- \* Na PUC foi designado para organizar a Biblioteca da Universidade, que hoje é uma das melhores do país.
- \* Também ministrou aulas de teologia, ética, filosofia
- \* Participou do MSU (Movimento Social Universitário) antes da Revolução de 64.